

Os ingleses, assustados com o Brasil.

Os banqueiros de Londres preocupam-se com as notícias sobre a política econômica. E temem a moratória.

Os banqueiros britânicos, embora sempre bem informados sobre o que se passa com a economia brasileira, devem ter engolido com dificuldade o café da manhã ontem, depois de lerem no **Financial Times** que o presidente José Sarney já teria concordado em interromper parte dos pagamentos a serem feitos no momento aos bancos internacionais, para evitar uma drenagem ainda maior nas reservas nacionais de moedas estrangeiras.

A informação, atribuída a um jornal do Rio de Janeiro e qualificada de "mera especulação" por um funcionário do governo brasileiro, foi publicada na primeira página do diário inglês, complementando um despacho sobre o salto dado pela inflação em janeiro e sobre as previsões de que ela poderá atingir 550% até o final deste ano. O destaque dado à notícia pelo **Financial Times** — de leitura

obrigatória na city de Londres — dá a medida da preocupação dos bancos envolvidos com a dívida externa do Brasil.

Os banqueiros, naturalmente, estão preocupados, disse o diretor de um dos bancos. "Estão preocupados com o índice da inflação, com a deterioração do balanço de pagamentos, com o afastamento do presidente do Banco Central por questão política e, sobretudo, estão preocupados com a falta de clareza quanto aos planos do governo para o futuro. Todos os dias lemos ou recebemos informações novas sobre aumentos salariais, liberalização dos preços de alguns produtos e congelamento de outros, sobre desentendimentos na cúpula do governo... Os sinais são confusos, não refletem uma direção clara na política econômica do País."

No artigo, depois de relacionar fatos como o ressurgimento da inflação, a alta dos juros internos e a

queda das reservas monetárias, o correspondente do jornal inglês no Rio de Janeiro diz que o governo Sarney estaria tentando obter o apoio do PMDB para uma nova estratégia econômica, e que há especulações sobre a adoção, em breve, de medidas drásticas para o ajustamento da economia.

Sobre o problema da dívida externa e a possibilidade de suspensão de alguns pagamentos, diz o **Financial Times** que "o presidente sofre pressões cada vez mais fortes, do PMDB e dos partidos à esquerda, para que adote uma moratória parcial", e que vários funcionários e ministros do governo relutariam em seguir este caminho, em que pese o apoio que tal medida teria entre os eleitores.

Os banqueiros não acreditam que o Brasil possa tirar proveito de uma moratória, mesmo que parcial. Um deles disse:

"Uma moratória significará

para o Brasil o fim dos financiamentos comerciais, dos empréstimos interbancários, o que quer dizer que o País precisará espremer sua economia de modo a sobreviver com os recursos que possui hoje. Não sei exatamente quanto de recursos o Brasil possui no momento, mas não creio que sejam muitos. A menos que o Brasil possa importar e pagar com dinheiro suas importações, seu crescimento econômico sofrerá uma queda, haverá racionamentos, os brasileiros certamente reagiriam, e não creio que isto seria politicamente interessante para o governo.

E se o Brasil adotasse uma solução semelhante à que o presidente Alan García adotou no Peru? Os banqueiros acham que esta também não é uma solução interessante. Um deles disse:

"Como se sabe, desde 1984 o Peru não paga os juros de sua divi-

da e com isto pode acumular um alto nível de recursos, para execução dos planos do governo. Acontece que a inflação, que fora contida e reduzida nos primeiros meses, voltou a crescer, atingindo 6% apenas no último mês de dezembro. Além disso, no ano passado, houve uma perda de 500% nos recursos financeiros do país, um terço do total, e calcula-se que este ano a perda será de mais ou menos 700%, o que deixará o Peru numa situação bastante desconfortável. Por quê? Porque o país não tem mais créditos, porque os recursos disponíveis para importação serão poucos, a inflação alta e o país acabará exatamente na situação em que o Brasil se encontra hoje em dia. Ou eles colocam a casa em ordem ou acontecerá um colapso."

E acrescentou: "Para se ter uma idéia da situação em que o Peru se encontra, basta lembrar o

seguinte: o governo peruano prometeu pagar parte de sua dívida com a União Soviética com produtos que exporta. Um desses produtos seria frango. Pois bem, no ano passado o Peru teve que importar frango para consumo interno".

Na opinião dos banqueiros ingleses, ou dos seus porta-vozes, o Brasil deveria planejar e adotar uma nova estratégia econômica, evitando os problemas que constata no Plano Cruzado. "É preciso conter a inflação — comentou um deles —, controlar melhor a política monetária, conter os gastos públicos e — isto é importante — aceitar o fato de que o País precisa crescer a um índice menor. É melhor crescer devagar e continuamente, do que ter um grande crescimento em um ano e recessão no seguinte."

**José Carlos Santana, do
Londres**